

MARTHA MEDEIROS

Noite em claro

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

I

ESTAVA TUDO SILENCIOSO e de repente o céu desabou. Na televisão disseram que esta chuva vai durar uma eternidade. Eu pensei em ler um livro, mas tive uma ideia melhor: vou *escrever* um livro. E só vou terminá-lo quando a chuva parar.

Hoje é 12 de junho, dia dos namorados, e faz exatos 21 anos (12 invertido, coincidência) que eu transei pela primeira vez, numa noite de chuva também. Mas desta vez não há romantismo: estou sozinha com meu cálice de champanhe, o primeiro. Comi uma barra de chocolate só pra fingir que nada me importa, mas tudo me importa como nunca me importou nesta noite em que estou sozinha, tentando ficar bêbada, prestes a ser gorda, infernizada por recordações do passado e impaciente para inventar um futuro.

Um livro. Escrever um livro. Mas sobre o quê? Talvez sobre o psicótico que anda me mandando e-mails. Sou jornalista. Comando um programa de entrevistas que vai ao ar diariamente às 22h num canal de tevê a cabo. Sou boa no que faço. Gosto do meu tipo. Sou uma bonita estranha, ou uma estranha feia, tenho um aspecto diferente, que não comove nem passa despercebido. E dizem que sou inteligente, e a burrice do mundo é tanta que deixo a modéstia de lado e concordo. Meus patrocinadores

estão felizes com os picos razoáveis de audiência e um psicótico me escreve e me dá assunto.

O nome dele é Eder. Já houve um jogador de futebol com este nome. Meses atrás, Eder mandou um e-mail elogiando meu trabalho e eu respondi agradecendo, porque tenho esta mania infame de fingir que sou boazinha. Me mandou um segundo e-mail e agradei de novo, dizendo para mim mesma: última vez. Ele escreveu o terceiro e-mail e eu cumpri minha promessa de silêncio. Escreveu o quarto e-mail e pensei: ele vai desistir qualquer hora. O quinto e-mail foi da Marília: dizia-se irmã de Eder e suplicava para que eu continuasse bem quieta, porque o irmão surtara. Estava em tratamento psiquiátrico intensivo. Entre outras maluquices, acreditava que eu estava apaixonada por ele. Quanta honra. Retornei o e-mail de Marília desejando sorte para a saúde mental de Eder e que ela ficasse tranquila, já não andava respondendo mesmo, sou boazinha, mas não sou tonta. Dias depois, Eder escreve de novo: “Não tenho irmã. Marília é minha mulher, ciumenta patológica, doente é ela, não lhe dê ouvidos”. Uau, e ainda dizem que o cotidiano é monótono. Eder segue me escrevendo e-mails alucinados, provocantes, libidinosos, me dando a certeza de que Marília, seja ela sua irmã ou esposa, está com total razão: é um perturbado. Doído. Mas me deu o primeiro capítulo de um livro em que comecei nesta noite de chuva, sozinha, no dia dos namorados. E eu tenho um namorado.

FAZENDO JUSTIÇA: é mais que isso. Vivemos juntos, é meu marido. Que nesta noite chuvosa está trabalhando em outra cidade. Não muito longe, mas distante o suficiente para eu sentir preguiça de pegar o carro e ir a seu encontro. Gosto de ficar sozinha e não perco as raras oportunidades.

Eu já disse que chove? Já. E já disse que neste 12 de junho faz 21 anos que transei pela primeira vez? Já disse. Então isso provavelmente tem alguma importância pra mim. Transei pela primeira vez na cidade em que meu marido está trabalhando nesta noite chuvosa. Coincidências. A esta altura do livro você sabe que acredito nelas, ao contrário daqueles que dizem que coincidência não existe. Claro que existe. Felicidade é que não existe.

Eu transei pela primeira vez com um namorado, num quarto de fundos, numa noite fria como lâmina, sob uma chuva castigante, num estado de paixão que nunca mais eu conheceria. Transei tão a fim de dar que o cara se assustou. Mas gostou tanto que até hoje, 21 anos depois e completamente afastados, ele ainda me telefona de vez em quando pra dizer que segue desconcertado. Claro que é mentira, mas é claro que eu acredito.

Há 21 anos eu era virgem, 21 anos e poucas horas atrás. Disse sim numa noite fria, num colchão imundo cuja palha escapava do forro e feria minhas costas. A partir dali, minha vida começou a funcionar, meu corpo começou a existir, passei a prestar atenção nas noites chuvosas, e desde lá tenho vontade de escrever um livro, que só estou começando agora.

ESTOU SOZINHA e chove uma chuva que parece definitiva. Enquanto ela não parar eu não paro de escrever. Meu livro vai durar a duração desta água despencando lá de cima.